

A FALIBILIDADE dos MINISTROS



J. C. Ryle

Projeto
Ryle

ANUNCIANDO A VERDADE EVANGÉLICA

A Falibilidade dos Ministros

J. C. Ryle

A Falibilidade dos Ministros

por
J. C. Ryle
(1816-1900)

(traduzido de um texto em inglês atualizado por Tony Cappocia)

Quando, porém, Pedro veio a Antioquia, enfrentei-o face a face, por sua atitude condenável. Pois, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios. Quando, porém, eles chegaram, afastou-se e separou-se dos gentios, temendo os que eram da circuncisão.

Os demais judeus também se uniram a ele nessa hipocrisia, de modo que até Barnabé se deixou levar. Quando vi que não estavam andando de acordo com a verdade do evangelho, declarei a Pedro, diante de todos: “Você é judeu, mas vive como gentio e não como judeu. Portanto, como pode obrigar gentios a viverem como judeus?”

Nós, judeus de nascimento e não ‘gentios pecadores’ Sabemos que o ninguém é justificado pela prática da lei, Mas mediante a fé em Cristo Jesus. Assim nós também cremos em Cristo Jesus Para sermos justificados pela fé em Cristo e não pela prática da lei, porque pela prática da lei, ninguém é justificado”.

Gálatas 2:11-16

Você já refletiu sobre o que o apóstolo Pedro fez em Antioquia? Essa pergunta merece uma séria reflexão.

Mesmo com pouquíssimas informações confiáveis, frequentemente ouvimos falar sobre as obras do apóstolo Pedro em Roma. Lendas, tradições e fábulas abundam nesse assunto. Infelizmente para esses escritores, a Bíblia é totalmente muda nesse ponto. Nas escrituras não há nada mostrando que o apóstolo Pedro esteve sequer em Roma!

O que fez o apóstolo Pedro em Antioquia? Para esse ponto, dirijo minha total atenção hoje. Esse é o assunto tratado em Gálatas e que encabeça este sermão, afinal de contas, nesse ponto, a Bíblia fala claramente e inequivocamente.

Os seis versos dessa passagem batem em várias questões. Se consideramos o evento descrito, eles estão discutindo, um apóstolo repreendendo o outro! Quando percebemos quem são esses dois homens, Paulo, o mais novo, repreendendo Pedro, o mais velho, eles estão discutindo! Entretanto, se observamos a ocasião, Pedro não cometeu nenhuma falha berrante ou um pecado flagrante à primeira vista. Ainda assim, o apóstolo Paulo diz, “enfrentei-o face a face, por sua atitude condenável”. Ele faz ainda mais do que isso, ele reprova a notoriedade de Pedro pelo seu erro perante toda a Igreja de Antioquia. Indo mais além, Paulo escreveu sobre o ocorrido e agora todos sabem desse incidente em duzentos idiomas diferentes pelo mundo.

Acredito que o Espírito Santo deseja que prestemos uma atenção particular a essa passagem bíblica. Se o cristianismo fosse uma invenção humana, essas questões nunca teriam sido divulgadas. Algum impostor teria encoberto as diferenças entre os dois apóstolos. Entretanto, o Espírito da verdade fez com que esses versos fossem escritos para o nosso aprendizado e seremos sábios se dermos atenção ao seu teor.

Devemos aprender com essa passagem, que nos evidencia três grandes lições sobre a Antioquia.

I. A primeira lição é que *grandes ministros podem cometer grandes erros.*

II. A segunda é que *manter a verdade de Cristo na sua igreja é muito mais importante do que manter a paz.*

III. A terceira é que *não há doutrina alguma que devemos proteger tanto quanto a da justificação pela fé, sem obras da lei.*

I. A primeira lição é que *grandes ministros podem cometer grandes erros.*

Qual prova mais evidente podemos ter do que essa posta diante de nós? Pedro, sem dúvida alguma, foi um dos melhores na companhia dos Apóstolos. Ele era um discípulo ancião. Ele foi um discípulo com vantagens e privilégios peculiares e uma companhia constante do Senhor Jesus. Ele escutou às pregações do Senhor, viu-O operando milagres, aproveitou o benefício dos ensinamentos privados dEle, foi numerado entre os amigos íntimos do Senhor e entrou e saiu com Ele durante todo o tempo que Jesus ministrou na terra. Pedro foi o apóstolo para quem as chaves do reino dos céus foram dadas e por cujas mãos foram primeiramente usadas. Ele foi o primeiro a abrir a porta da fé para os judeus, ao pregar a eles no dia de Pentecostes; foi o primeiro que abriu as portas da fé para os gentios, ao ir à casa de Cornélio e recebê-lo na igreja; foi o primeiro a levantar-se no Concílio, em

Atos 15, dizendo, “*por que agora vocês estão querendo tentar a Deus, impondo sobre os discípulos um jugo que nem nós nem nossos antepassados conseguimos suportar?*” Ainda assim, esse mesmo Pedro, esse mesmo apóstolo, claramente caiu num grande erro.

O apóstolo Paulo nos diz, “*enfrentei-o face a face*”. E continua, “*por sua atitude condenável*”. Ele disse, “*temendo os que eram da circuncisão*”. Ele falou sobre Pedro e seus companheiros, que “*não estavam andando de acordo com a verdade do evangelho*”. Paulo fala sobre sua “*hipocrisia*” e afirma que por meio dela, até Barnabé, seu antigo companheiro na obra missionária, “*se deixou levar*”. Que fato surpreendente. Esse é Simão Pedro! Esse foi seu terceiro grande erro, que a Bíblia Sagrada achou que deveria ser lembrado! Primeiro, nós o vemos tentando conter nosso Senhor, com todas as suas forças, da grande obra na cruz, e censurou-O severamente. Depois, encontramos-lo negando a Cristo três vezes - e com juras. Agora, vemo-lo pondo em risco a grande verdade do Evangelho de Cristo. Certamente podemos dizer, “*Senhor, que homem é esse?*”. Notemos que, de todos os apóstolos, não há nenhum - à exceção, claro, de Judas Iscariotes - que temos tantas provas de ser um homem falível.

É interessante perceber o descaso com o qual alguns escritores foram tratados, a fim de dar satisfação sobre o significado tão claro desses versos que encabeçam o sermão. Alguns afirmaram que Paulo não repreendeu verdadeiramente Pedro, apenas forjou, para aparecer! Outros afirmaram que não foi Pedro, o apóstolo, o repreendido, mas outro Pedro, um dos setenta! Interpretações como essas não precisam de comentário, visto que são completamente absurdas. A verdade é que o significado claro e honesto desses versos é um golpe certeiro na doutrina preferida da Igreja Católica Romana, que discorre sobre a primazia e a superioridade de Pedro sobre os demais apóstolos.

Tudo isso foi relatado para nos ensinar que até mesmo apóstolos, quando não escrevem sob a inspiração do Espírito Santo, estão sujeitos ao erro. Esses versos tem o intuito de nos ensinar que mesmo os melhores homens são fracos e falíveis enquanto estiverem em seus corpos. Se não fosse a graça de Deus sustentando-os, qualquer um deles poderia se deixar levar a qualquer momento. Isso pode ser humilhante, mas é a verdade. Verdadeiros cristãos são convertidos, justificados e santificados. Eles são membros vivos de Cristo, os amados filhos de Deus e herdeiros da vida eterna. Eles são eleitos, escolhidos, chamados e guardados para a salvação. Eles tem o Espírito, mas não são infalíveis.

Posição e dignidade não garantem infalibilidade? Não, não garantem! Não importa como um homem é chamado, ele pode ser czar, imperador, rei ou príncipe, pode ser pregador, ministro ou diácono. Ainda

assim, ele é falível. Nem a coroa, nem o óleo sagrado, tampouco a imposição das mãos, podem precaver um homem de cometer erros.

Números não garantem infalibilidade? Não, não garantem! Você pode reunir príncipes em grande número, assim como centenas de ministros, entretanto, mesmo estando reunidos, estão sujeitos ao erro. Você pode chamar de conselho, assembleia, conferência ou seja lá o que for. Não importa. Suas conclusões ainda serão conclusões de homens falíveis. A sabedoria coletiva é capaz de cometer erros gritantes.

O exemplo do apóstolo Pedro na Antioquia não é o único. Foi apenas um paralelo de muitos casos que encontramos escritos para nosso aprendizado nas Sagradas Escrituras. Será que nos esquecemos de Abraão, o pai da fé, seguindo os conselhos de Sara e tomando a Hagar como esposa? Será que nos esquecemos de Arão, o primeiro sumo sacerdote, escutando os filhos de Israel e erguendo um bezerro de ouro? Será que nos esquecemos de Salomão, o mais sábio dentre os homens, permitindo que suas esposas construíssem um altar para suas falsas adorações? Será que nos esquecemos de Josafá, o bom rei, deteriorando-se para ajudar o perverso Acabe? Será que nos esquecemos de Ezequias, o bom rei, recebendo os embaixadores da Babilônia? Será que nos esquecemos de Josias, o último dentre os bons reis de Judá, partindo para lutar com Faraó? Será que não nos lembramos de Tiago e João, querendo que fogo descesse dos céus? Esses relatos merecem ser lembrados. Eles não foram escritos sem motivo e clamam ardentemente, "Não há infalibilidade!". Quem não enxerga, quando a história da Igreja de Cristo é lida, repetidas provas de que o melhor dos homens pode errar? Os primeiros Pais da Igreja eram zelosos, conforme seu conhecimento, e estavam prontos para morrer por Cristo, mas muitos deles defenderam ritualismos e quase todos plantaram as sementes das supertições. Os Reformados foram instrumentos honrosos nas mãos de Deus por reavivar a verdade na terra. Ainda assim, com muita dificuldade podemos nomear algum dentre eles que não cometeu um grave erro. Martinho Lutero defendeu fortemente a doutrina da consubstanciação, acreditando que durante a comunhão, o pão e o vinho se transformavam verdadeiramente no corpo e no sangue de Cristo.

Melancthon era costumeiramente tímido e indeciso. Calvino permitiu que Serveto fosse queimado.¹ Cranmer abjurou e desviou-se por um tempo de seu primeiro amor. Jewell aprovou as doutrinas da Igreja Católica Romana por temer a morte.² Hooper agitou a Igreja da Ingla-

¹ É de considerar que hoje em dia biografias mais apuradas discutem o papel de Calvino nesse caso, considerando que de fato ele não tinha poder legal e nem influência suficiente para evitar a morte de Serveto pela acusação de heresia pelo Conselho de Genebra, que em sua maioria era contrário as práticas de Calvino (N.R)

² Durante o período da rainha Maria da escócia, conhecida como "Maria Sanguinária", John Jewell não condenou e formalmente aceitou o catolicismo romano, tendo se arrependido quando da subida de

terra ao exigir o uso das vestimentas religiosas para ministrar.³ Os puritanos, mais tarde, denunciaram a liberdade e autonomia cristãs como doutrinas vindas das profundezas do inferno. Wesley e Toplady, no século passado, trataram-se asperamente com linguagens vergonhosas. Irving, nos nossos dias, entregou-se à ilusão de falar em línguas⁴. Todos esses erros clamam em alto e bom som. Eles são um sinal de advertência à Igreja de Cristo. Eles dizem, “Não confiem no homem, não chamem nenhum homem de mestre, não chame nenhum homem de pai espiritual na terra, não deixe que o homem se glorie no próprio homem, mas que se glorie no Senhor”. Eles clamam ardentemente, “Não há infalibilidade!”.

Todos nós precisamos dessa lição. Somos todos naturalmente inclinados a apoiar-nos no homem que podemos ver, antes que em Deus, que não vemos. Naturalmente amamos nos apoiar nos ministros da Igreja, antes que no Senhor Jesus Cristo, o grande Pastor e Sumo Sacerdote, que é invisível. Precisamos estar continuamente de guarda.

Vejo essa tendência em apoiar-se no homem em todo lugar. Não conheço nenhum ramo da Igreja Protestante que não requer que nos alarmemos nesse ponto. É uma cilada para o cristão escocês atribuir sua fé a John Knox; para os metodistas dos nossos dias, honrar a memória de John Wesley é uma armadilha. Tudo isso é embuste, e quantos já não caíram nele!

Naturalmente, todos nós amamos ter um papa à nossa maneira. Já estamos suficientemente alienados para pensar que, pelo fato de um grande ministro ou um homem erudito ter dito algo ou porque nosso próprio ministro, a quem amamos, pregou, então deve estar certo, mesmo sem examinarmos se é bíblico ou não. Muitos homens não gostam de ter que pensar por si próprios, eles gostam de seguir um líder. São como uma ovelha, quando uma vai para o morro, as demais seguem. Em Antioquia, até Barnabé se deixou levar. Podemos muito bem imaginar um homem dizendo, “*Um velho apóstolo como Pedro, certamente não pode estar errado. Seguindo-o, não posso errar*”.

Agora vejamos quais lições práticas podemos aprender dessa parte de nosso sermão.

(a) Primeira lição, aprendamos a *não colocar confiança em opiniões humanas, simplesmente porque esses viveram há muitos anos*. Pedro foi um homem que viveu nos tempos de Cristo e, mesmo assim, cometeu erros. Há muitos que falam demais nos dias presentes sobre a voz da Igreja primitiva. Eles querem que acreditemos que aqueles que vi-

Eduardo 6º ao trono e sendo posteriormente um dos apologetas da igreja anglicana reformada-elizabetana (n.R)

³ Hopper era...

⁴ fala ininteligível

veram mais próximos dos tempos dos apóstolos, conheceram mais sobre a verdade do que nós. Não há fundamentação para uma opinião dessas. A maioria dos escritores antigos da verdadeira Igreja de Cristo está frequentemente em desacordo um com o outro, eles constantemente mudavam de ideia e retratavam suas opiniões antigas e muitas vezes escreveram sobre assuntos bobos e fracos, mostrando enorme ignorância em suas explicações sobre as Escrituras. É vão esperar encontrá-los sem pecado algum. Infalibilidade não será encontrada nos primeiros sacerdotes, mas *na Bíblia*.

(b) Segunda, aprendamos a não por confiança implícita na opinião de um homem, simplesmente porque ele é um ministro. Pedro era um dos cabeças dos Apóstolos e, ainda assim, cometeu erros.

Esse é um ponto no qual homens tem continuamente se perdido. É a pedra na qual a Igreja primitiva se chocou. Os homens logo começaram a seguir os dizeres: "Não faça nada contrário à mente do ministro". Entretanto, o que são ministros, pregadores e diáconos? O que são grandes ministros, senão homens – pó, cinza e barro - homens de paixões, como nós; homens à mercê de tentações e homens sujeitos a fraquezas e enfermidades? O que as Escrituras pregam? *“Afinal de contas, quem é Apolo? Quem é Paulo? Apenas servos por meio dos quais vocês vieram a crer, conforme o ministério que o Senhor atribuiu a cada um”* (I Co 3:5).

Ministros *constantemente conduziram a virtude a erro e decretaram ser verdade aquilo que era falso*. Os maiores erros começaram por meio de ministros. Hofni e Finéias, os filhos do sumo sacerdote Eli, fizeram com que a religião fosse abominada pelos filhos de Israel. Anás e Caifás, apesar de estarem na linha direta de descendentes de Arão, crucificaram o Senhor. É absurdo supor que homens ordenados não podem cometer erros. Devemos segui-los enquanto estiverem de acordo com a Bíblia, mas não além disso. Devemos acreditar neles até quando puderem dizer: *“Deste modo está escrito, deste modo diz o Senhor”*, mas, além disso, não devemos prosseguir. Infalibilidade não será encontrada nos primeiros sacerdotes, mas na Bíblia.

(c) Terceiro, aprendamos a não por confiança implícita na opinião do homem, simplesmente por ele ser instruído. Pedro foi um homem com dons milagrosos e conseguia falar em (na época, válido) línguas, mas, mesmo assim, podia errar.

Esse ponto é um em que muitos se enganam. Essa foi a rocha contra a qual os homens se choraram na Idade Média. Homens olharam para Tomás de Aquino e Pedro Lombardo - e para vários outros companheiros - como seres inspiradores. Chegaram a dar cognome a eles, como sinal de admiração. Eles falavam sobre o pregador “incontestável”, o ministro “angelical”, o pastor “incomparável” e pareciam acreditar que

tudo o que esses ministros falavam era verdade! Mas de que importa ser o homem mais instruído, se não tiver sido ensinado pelo Santo Espírito? O que é ser o mais douto sobre todas as divindades, senão um homem falível, um pecador, no seu melhor? Vasto conhecimento de livros e grande ignorância no tocante à verdade de Deus, podem andar lado a lado. Já fizeram isso, ainda fazem e continuarão fazendo o tempo o todo. Ouso dizer que os dois volumes de “*Memórias e Sermões de Robert McCheyne*” trouxeram muito mais benefício à alma humana do que qualquer livro escrito por Origenes ou Cipriano.

Não duvido que o volume de John Bunyan “*O Peregrino*”, escrito por um homem que mal conhecia livros, a não ser sua Bíblia, e não falava grego nem latim, provará no último dia ter feito mais pelo mundo do que todos os trabalhos de um professor reunidos. Aprender é um dom que não se pode desprezar. Será um péssimo dia, quando livros não foram valorizados na igreja. Todavia, é interessante perceber quão vasta pode ser a capacidade intelectual de um homem, mas, mesmo assim, conhecer tão pouco sobre a graça de Deus. Não tenho dúvidas de que as autoridades de Oxford, no ano passado, conheciam mais hebraico, grego e latim do que Wesley ou Whitefield, entretando, sabiam muito pouco sobre o evangelho de Cristo. Infalibilidade não será encontrada nos primeiros sacerdotes, mas na Bíblia.

(d) Quarto, cuidemos para que não *ponhamos uma confiança implícita nas opiniões de nosso ministro, por mais religioso que seja*. Pedro era um homem de muitíssima graça, mas, ainda assim, errou.

Seu ministro pode ser um homem de Deus e digno de toda honra por suas pregações e exemplo, mas não faça dele um papa. Não coloque a palavra dele no mesmo patamar que a Palavra de Deus; não o estrague por meio de adulações; não permita que ele pense que não comete erros; e não descarregue todo o seu peso na opinião dele, ou você sentirá por si próprio que ele pode errar.

Está escrito que Joás, rei de Judá, fez “*o que era reto aos olhos do Senhor, todos os dias do Sacerdote Joiada*” (2 Cr 24:2). Joiada morreu, e então morreu a religião de Joás. Digo-lhe isso para que sua religião não venha a morrer juntamente com a morte de seu ministro. Ele pode mudar, assim como sua religião também. Ele pode ir embora, e sua religião também.

Por isso, não se satisfaça com uma religião construída no homem! Não se contente em dizer “*Eu tenho esperança, porque meu ministro me disse assim e assim*”. Busque estar apto para dizer “*Eu tenho esperança, porque vejo isso e isso escrito na Palavra de Deus*”. Se você quer uma paz sólida, então precisa ir por conta própria à fonte da verdade. Se você quer um conforto permanente, então precisa visitar a fonte da vida por conta própria e beber da água fresca para refrigerar sua al-

ma. Ministros podem deixar a fé, a igreja pode se dividir, mas aquele que tem a Palavra de Deus no seu coração, tem um alicerce sob seus pés que jamais falhará. Honre seu ministro como embaixador fiel de Cristo, estime-o com amor pelas suas obras, mas nunca esqueça que infalibilidade não é encontrada nele, *mas na Bíblia*.

Tudo o que foi falado aqui, merece ser lembrado. Gravemos esses pontos em nossas mentes, e assim teremos aprendido uma lição com a Antioquia.

II. Agora passo para a segunda lição tirada do sermão. Essa lição é que *manter a verdade de Cristo na sua igreja é muito mais importante do que manter a paz*.

Acredito que nenhum homem tinha noção maior do valor de paz e unidade quanto o apóstolo Paulo. Foi ele o apóstolo que escreveu aos coríntios sobre o amor. Ele foi o apóstolo que disse “*Tenham uma mesma atitude uns para com os outros; vivam em paz uns com os outros; ao servo do Senhor não convém brigar; há um só corpo e um só espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo*”. Ele foi o Apóstolo que disse, “*fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns*” (Rm 12:16, I Ts 5:13, Fm 3:16, Ef 4:5, I Co 9:22). Ainda assim, veja como ele age! Ele se opôs a Pedro face-a-face. Ele o repreendeu publicamente e correu o risco de todas as consequências disso. Ele arrisca tudo o que pode ser dito pelos inimigos da igreja de Antioquia. Acima de tudo, Paulo documentou o incidente, para que nunca fosse esquecido e onde quer que o evangelho fosse pregado, essa repreensão pública devido ao erro de um apóstolo fosse de conhecimento de todos.

Por que Paulo fez isso? Porque ele tinha pavor de falsas doutrinas, ele sabia que um pequeno erro poderia corromper todo o grupo e queria nos ensinar que devemos lutar fervorosamente pela verdade e temer mais sua perda do que a perda da paz.

Devemos nos lembrar do exemplo de Paulo nos dias de hoje. Muitas pessoas suportam tudo na religião, contanto que possam ter uma vida tranquila. Elas tem um temor horrendo daquilo que chamam “controvérsia” e estão repletas de um medo mórbido do que chamam, de modo vago, “espírito de festa”, apesar de não saberem definir ao certo o que é esse espírito de festa. Eles estão possessos por um desejo doentio de manter a paz e fazer com que tudo seja leve e agradável, mesmo que às custas da verdade. Contanto que tenham sossego, leveza, silêncio e ordem, estarão contentes em deixar de lado todo o resto. Acredito que eles teriam pensado como Acabe, que Elias era o perturbador de Israel, e teriam ajudado os príncipes de Judá, quando colocaram Jeremias na prisão, a fim de calarem sua boca. Não tenho dú-

vidas de que muitos desses homens sobre os quais falo, teriam pensado que Paulo, na Antioquia, agiu de forma imprudente e foi longe demais!

Acredito que tudo isso está errado. Não temos direito algum de esperar nada, a não ser o Evangelho de Cristo, puro e cristalino, genuíno e inalterado, o mesmo evangelho ensinado pelos apóstolos de fazer o bem às almas humanas. Para manter essa verdade pura na Igreja, os homens devem estar prontos para fazer qualquer sacrifício, arriscar a paz, sujeitar dissensões e correr o risco de dividirem-se. Eles deveriam tolerar a falsa doutrina tanto quanto toleram o pecado. Deveriam se opor a qualquer alteração feita à mensagem do evangelho de Cristo, seja adicionando ou retirando passagens.

Pelo amor à verdade, nosso Senhor Jesus Cristo denunciou os fariseus, apesar de ocuparem o assento de Moisés e serem professores nomeados e autorizados. “*Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas!*”, disse Ele, oito vezes, nos vinte e três capítulos de Mateus. Quem ousará levantar suspeita de que nosso Senhor estava errado?

Pelo amor à verdade, Paulo se opôs e censurou Pedro, mesmo sendo irmãos. Onde estava a unidade, quando a doutrina foi posta de lado? Quem dirá que ele agiu errado?

Pelo amor à verdade, Atanásio posicionou-se contra o mundo, a fim de manter a pura doutrina da divindade de Cristo, e travou uma disputa com a grande maioria da igreja. Quem dirá que ele agiu errado?

Pelo amor à verdade, Lutero quebrou a unidade da igreja em que nasceu, denunciou o Papa e todos os seus costumes e apresentou a fonte de um novo ensinamento. Quem dirá que Lutero agiu errado?

Pelo amor à verdade, Cranmer, Ridley e Latimer, os reformadores ingleses, aconselharam Henrique VIII e Eduardo VI a se separarem de Roma e enfrentar as consequências dessa divisão. E quem ousará dizer que estavam errados?

Pelo amor à verdade, Whitefield e Wesley, há cem anos, denunciaram a pregação infrutífera do clero de seus dias e foram às estradas e vielas a fim de salvarem almas, mesmo sabendo que seriam banidos da comunhão da igreja. E quem ousará dizer que eles estavam errados?

Sim, paz sem verdade é uma paz falsa, é a paz do diabo. Unidade sem evangelho é uma unidade inútil, é a unidade do inferno. Não sejamos nunca enganados por aqueles que falam docemente sobre isso. Lembremos das palavras de nosso Senhor Jesus Cristo: “*Não cuideis que vim trazer a paz à terra, não vim trazer paz, mas espada*” (Mt 10:34). Lembremos o louvor que Ele entoava a uma das igrejas do Apocalipse:

"Sei que não pode tolerar homens maus, que pôs à prova os que dizem ser apóstolos, mas não são, e descobriu que eles eram impostores" (Ap 2:2). Lembremos também da culpa que Ele põe em outra, "*você tolera Jezebel, aquela mulher que se diz profetisa*" (Ap 2:20). Nunca deixe que sejamos culpados por sacrificar qualquer porção da verdade em detrimento da paz. Sejam os judeus, que queimavam um manuscrito inteiro do Velho Testamento, caso encontrassem uma única letra incorreta, porque era melhor correr o risco de perder um til ou um ponto, do que a Palavra de Deus. Não nos contentemos com apenas uma parte de toda o Evangelho de Cristo.

De que forma podemos aplicar um uso prático de todos os princípios gerais que acabei de falar? Darei aos meus leitores um único e pequeno conselho, que merece sua total atenção.

Previno a todos aqueles que amam sua alma, a serem muito seletivos quanto à pregação que escutam regularmente e o lugar de adoração que geralmente frequentam. Aquele que se finca deliberadamente em qualquer ministério insalubre, não é um homem sábio. Nunca hesitarei em dar minha opinião quanto a isso. Sei bem que muitos acreditam ser chocante um homem renunciar sua igreja local. Não posso olhar com esses mesmos olhos. Vejo uma grande diferença entre um ensino imperfeito e um ensino falso; um ensino que erra em um lado secundário e um ensinamento que está em desacordo com a Escritura. Acredito que se uma falsa doutrina é pregada inequivocamente na igreja local, o cristão que ama sua alma está certo em não mais frequentar essa igreja. Escutar ensinamentos não bíblicos cinquenta e dois domingos por ano é muito grave, é um derramamento contínuo de veneno em nossa mente. Acredito ser praticamente impossível um homem teimosamente se submeter a isso e, ainda assim, não sofrer sequelas.

Vejo no Novo Testamento que somos chamados a por à prova todas as coisas e retermos o que é bom (I Ts 5:21). Vejo no livro de Provérbios o seguinte aviso: "*se você parar de ouvir a instrução, meu filho, irá afastar-se das palavras que dão conhecimento*" (Pv 19:27). Se essas palavras não justificam o abandono do homem a uma igreja que prega falsas doutrinas, então não sei que palavras justificam.

--Alguém acredita que frequentar sua igreja local é absolutamente necessário para a salvação? Se há alguém assim, que se manifeste e dê seu nome.

--Alguém acredita que ir à igreja salvará a alma do homem, mesmo ele sendo descrente e não conhecendo nada sobre Cristo? Se há alguém assim, que se manifeste e dê seu nome.

--Alguém acredita que ir à igreja ensinará o homem sobre Cristo, conversão, fé ou arrependimento, se esses nomes, além de serem raramente proferidos na igreja, são pessimamente explicados? Se há alguém assim, que se manifeste e dê seu nome.

--Alguém acredita que um homem arrependido, que acredita em Deus e é convertido e santificado, perderá sua alma simplesmente porque abandonou sua denominação e aprendeu sua religião em outro lugar? Se há alguém assim, que se manifeste e dê seu nome.

De minha parte, abomino ideias tão monstruosas e excessivas. Não vejo sequer um apoio a elas na Palavra de Deus. Acredito que o número de pessoas que as apoiam é mínimo.

Há muitas igrejas em que o ensino religioso é apenas um pouco melhor do que o da Católica Romana. Será que a congregação dessas igrejas deveria permanecer imóvel, contente e silenciosa? Claro que não. E por que? Porque, como Paulo, ela deve escolher a verdade em detrimento da paz.

Há muitas igrejas em que o ensino religioso é apenas um pouco melhor do que a moralidade. As doutrinas particulares do cristianismo nunca são claramente proclamadas. Platão, Sêneca ou Confúcio poderiam ter ensinado quase tanto quanto. Será que a congregação dessas igrejas deveria permanecer imóvel, contente e silenciosa? Claro que não. E por que? Porque, como Paulo, ela deve escolher a verdade em detrimento da paz.

--Estou usando uma linguagem forte para lidar com essa parte do assunto, sei disso.

--Estou escavando num solo delicado, sei disso.

--Toco em assuntos geralmente ignorados e silenciados, sei disso.

Digo o que digo pelo dever que tenho para com a igreja em que sou ministro. Acredito que o tempo em que vivemos e a posição da congregação exigem um sermão franco. Almas estão perecendo, em várias igrejas, em ignorância. Membros honestos da igreja estão desgostosos e perplexos. Não temos tempo para palavras mansas. Não sou desconhecedor dessas expressões mágicas, "ordem, divisão, separação, unidade, controvérsia", e assim por diante. Sei a paralisia e a influência silenciosa exercida por elas em nossas mentes. Também as ponderei calma e deliberadamente e, em casa uma delas, estou preparado para dar minha opinião.

(a) *A igreja denominacional, em teoria, é admirável.* Ela poderá trazer muitas bênçãos à nação, caso seja bem administrada e cuidada por

ministros realmente espirituais, mas é inútil querer se apegar à denominação, quando o ministro dessa igreja denominacional é um desconhecedor do evangelho e ama o mundo. Em casos como esse, não devemos nos surpreender se um homem abdicar de sua denominação e buscar a verdade onde ela deve ser encontrada. Se o ministro não prega - tampouco vive - o evangelho, então a condição com a qual ele reivindica a atenção dos membros é violada e perde o direito a ser ouvido. É absurdo aceitar que o cabeça da família ponha em risco as almas de seus filhos, assim como a sua, pelo amor à “denominação”. Na Bíblia não há menção alguma sobre denominações e não temos o direito de exigir que os homens vivam e morram na ignorância, para que possam dizer no final: "Sempre frequentei minha igreja denominacional".

(b) *Divisões e separações são mais repreensíveis na religião.* Elas enfraquecem a causa do verdadeiro cristianismo e dão ocasião aos inimigos do cristianismo para blasfemar, mas antes que culpemos alguém por isso, devemos tomar cuidado para colocarmos a culpa onde realmente merece ser posta. Falsas doutrinas e heresias são ainda piores que divisão. Se as pessoas se separam do ensinamento que é falso e que não está contido nas escrituras, então devem ser aplaudidas, não reprovadas. Em casos assim, a separação é uma virtude, não um pecado. É fácil fazer comentários sarcásticos sobre “comichão nos ouvidos” e “amor entusiasmático”; mas não é tão fácil convencer um leitor assíduo da Bíblia que é dever dele escutar falsas doutrinas todo domingo, quando, com um pouco de esforço, ele pode escutar a verdade.

(c) *Unidade, sossego e ordem no meio dos cristãos professos são bênçãos maravilhosas.* Elas dão força, beleza e eficiência à causa de Cristo, mas até o ouro pode ser comprado a um preço muito elevado. A unidade que é obtida sacrificando a verdade, não vale nada, não é essa a unidade que agrada a Deus. A Igreja de Roma vangloria-se de uma unidade que não merece esse nome, porque foi obtida por meio da eliminação da Bíblia das mãos do povo, amordaçando o julgamento particular, encorajando a ignorância e proibindo os homens de pensarem por si próprios. Como os antigos guerreiros exterminadores, a Igreja Católica Romana cria a solidão e chama-a de paz. Há sossego e tranquilidade demais na cova, porém não é o sossego da vida, mas da morte. Foram os falsos profetas que gritaram “paz”, quando não havia paz alguma.

(d) *Controvérsia na religião é algo detestável.* Já é difícil o suficiente lutar contra o diabo, o mundo e a carne, sem diferenças no nosso meio, mas há uma coisa que é ainda pior do que a controvérsias: a falsa doutrina sendo tolerada, permitida e aceita sem qualquer protesto ou incômodo. Foi a controvérsia que ganhou a batalha na Reforma Protestante. Se as posições dos homens estivessem corretas, é óbvio

que não teria nem mesmo tido a reforma! Por preferir a paz, adoramos a Virgem e nos ajoelhamos às imagens e relíquias até os dias de hoje! Que vá embora toda essa ninharia! Há momentos em que a controvérsia não é apenas um dever, mas benefício. Antes, dê-me a forte tempestade, mas não a mortal malária. Esta caminha na escuridão, nos envenena no silêncio e não estamos nunca seguros; já esse amedronta e nos alarma por um curto período, mas acaba rápido e limpa o tempo. É um dever claro e bíblico batalharmos “*pela fé uma vez por todas confiada aos santos*” (Jd 1:3).

Sei que o que tenho dito aqui é bem desagradável a muitas mentes. Acredito que muitos estão satisfeitos com ensinamentos que não são totalmente verdadeiros e fantasiam que, no final, será tudo a mesma coisa. Sinto muito por esses. Estou convencido de que nada menos do que a verdade por completo está apta a fazer o bem às almas. Contento-me em saber que aqueles que aceitaram viver uma verdade pífia verão, no final, que suas almas foram muito danificadas. Há três coisas com as quais o homem não deve jamais brincar: um pouco de veneno, um pouco de falta doutrina e um pouco de pecado.

Estou ciente de que quando o homem expressa opiniões como essas que acabei de apontar, existem muitos dispostos a dizer: “ele não é fiel à Igreja”. Escuto imóvel a tais acusações. O dia do julgamento mostrará os que foram verdadeiramente amigos da Igreja e os que não foram. Nos últimos trinta e dois anos aprendi que se um ministro leva uma vida tranquila, deixa de lado a parte não convertida do mundo e prega de forma tal que não ofenda a ninguém e não edifique a ninguém, ele será chamado por muitos como um “bom pastor”.

Também aprendi que se um homem estuda as escrituras, trabalha continuamente para a conversão de almas, adere intimamente aos grandes princípios da reforma, carrega consigo um testemunho fervoroso contra o catolicismo e prega sermões poderosos, provavelmente será visto como um agitador ou “perturbador de Israel”. Deixe que os homens digam o que quiserem. Eles são os verdadeiros amigos da Igreja, que trabalham pela preservação da verdade.

Passo todas essas informações a vocês e peço que prestem grande atenção nelas. Eu lhes peço que nunca esqueçam que a verdade é muito mais importante para a Igreja do que a paz. Peço que estejam prontos para carregar os princípios expostos aqui e lutar, se for preciso, pela verdade. Se fizermos isso, então aprendemos algo sobre a Antioquia.

III. Agora passo à terceira lição da Antioquia: não há doutrina alguma que devemos proteger tanto quanto a da justificação pela fé, sem obras da lei.

A evidência dessa terceira lição está mais proeminente na passagem bíblica que encabeça esse sermão. Qual profissão de fé o apóstolo Pedro negou em Atioquia? Nenhuma. Qual doutrina ele pregou publicamente e era falsa? Nenhuma. O que, então, ele fez? Ele fez isso: depois de haver sentado com os gentios como “*co-herdeiros com Israel, membros do mesmo corpo, e co-participantes da promessa com Cristo*” (Ef 3:6), de repente ficou tímido e retraiu-se. Parece que ele começou a pensar que os gentios eram menos santos e aceitáveis para Deus do que os judeus circuncisos; pareceu deduzir que os gentios convertidos estavam numa classe mais baixa do que aqueles que mantiveram as cerimônias da Lei de Moisés; pareceu adicionar algo à fé, como se isso fosse necessário para despertar o interesse do homem em Jesus Cristo. Ele pareceu responder à pergunta “o que devo fazer para ser salvo?” não apenas com “Acreditar no Senhor Jesus”, mas “Acreditar no Senhor Jesus, ser circunciso e manter as cerimônias da lei”.

O apóstolo Paulo não podia tolerar uma conduta como essa. Nada mais o moveu, a não ser a ideia de adicionarem algo ao Evangelho de Cristo. “*Enfrentei-o face a face*”, ele disse. Paulo não apenas repreendeu Pedro, mas também guardou todo o ocorrido quando, por inspiração do Espírito, escreveu a epístola aos Gálatas.

Peço-lhes que prestem bastante atenção nesse ponto. Peço aos homens que observem o cuidado demonstrado pelo apóstolo Paulo à doutrina e que considerem o momento em que ocorreu essa agitação. Notemos nessa passagem bíblica a importância da justificação pela fé e não pelo mantimento da lei.

(a) Essa doutrina é necessária para o nosso conforto pessoal. Nenhum homem na terra é verdadeiramente filho de Deus, com sua alma salva, até que receba a salvação pela fé em Cristo Jesus. Nenhum homem jamais terá uma paz sólida e uma verdadeira segurança, até que abraçe com todo o seu coração a doutrina de que somos considerados retos diante de Deus por causa da obra do Senhor Jesus Cristo na cruz, pela fé, e não pela nossa bondade ou pelo trabalho de nossas próprias mãos. Um motivo, acredito, pelo qual tantos cristãos são jogados de um lado para o outro, desfrutam de pouco conforto e não sentem muita paz, é a ignorância deles nessa questão. Eles não veem claramente a justificação pela fé, sem que seja pelas suas próprias “boas obras”.

(b) Essa doutrina, o diabo não apenas odeia, mas também trabalha para destruir. Ele sabe que ela, desde os dias dos apóstolos, deixou o mundo de ponta cabeça. Assim como também deixou-o de ponta cabeça na época da Reforma. Portanto, ele tenta o homem a rejeitá-la. Ele está sempre seduzindo as igrejas e ministérios, para que neguem e obscureçam a verdade. Não é de se admirar que o Concílio de Trento⁵,

⁵ Concílio Católico Romano que estabeleceu suas doutrinas atuais

dirigiu seu principal ataque contra essa doutrina e declarou-a maldita e herética. Também não é surpreendente que tantas pessoas que se consideram conhecedoras, denunciam essa doutrina como um jargão teológico e dizem que todas as "pessoas sãs" são justificadas por Cristo, quer tenham fé ou não! A verdade é que esse pensamento é amargo e um grande veneno para os corações descrentes. Ele sacia os desejos da alma alerta, mas o homem orgulhoso, que não conhece o seu próprio pecado e não vê sua fraqueza, não pode receber a verdade.

(c) Essa é a doutrina cuja ausência é responsável por metade dos erros da Igreja Católica Romana. Metade das doutrinas católicas antibíblicas tem raízes na rejeição da justificação pela fé. Nenhum professor católico, se for fiel à sua igreja, dirá para um pecador aflito, "Acredite no Senhor Jesus e será salvo". Ele não pode fazer isso sem algumas explicações, que destroem completamente as boas novas. Ele não ousa dar a cura cristã, sem adicionar algo que destrua seu efeito e neutralize seu poder.

Purgatório, penitência, absolvição sacerdotal (confissão), intercessão dos santos, adoração à Virgem e várias outras ideias humanas do catolicismo romano, todas elas se originam dessa mesma fonte. Todas elas são apoios desonestos para amparar consciências exaustas, mas são apresentadas como necessárias pela negação da justificação pela fé.

(d) Essa é a doutrina essencial para o sucesso de um ministro entre seu povo. Ignorância, nesse ponto, estraga tudo. Falta de afirmações claras sobre a justificação impedirá que o mais zeloso dos homens faça o bem. Podem haver muitas características boas e agradáveis no sermão de um ministro, ele pode falar sobre Cristo e a união com Ele, sobre abnegação, humildade e amor. Entretanto, não valerá muito, se não pregar corretamente sobre a justificação pela fé, sem o auxílio das "boas obras".

(e) Essa é a doutrina fundamental para a prosperidade da Igreja. Nenhuma igreja está num estado sadio, caso essa doutrina não seja vivida de forma proeminente. Uma denominação ou igreja podem ter boas estruturas e ministros regularmente ordenados, mas não verá conversão de almas se for ao púlpito e não pregar claramente as doutrinas. Suas escolas podem ser encontradas em cada cidade, os prédios das igrejas podem chamar a atenção de todas as pessoas na terra, mas nela não haverá a bênção de Deus, a não ser que a justificação pela fé seja proclamada do seu púlpito. Mais cedo ou mais tarde seu castiçal será levado embora.

Por que as igrejas africanas e do leste chegaram ao estado atual? Será que não tinham ministros? Sim, tinham. Será que não tinham normas e cerimônias? Sim, tinham. Será que não tinham conselhos? Sim, ti-

nham. Mas elas puseram de lado a doutrina da justificação pela fé. Elas perderam de vista a grande verdade e, por isso, caíram.

Por que a nossa igreja, a Igreja da Inglaterra, fez tão pouco nesse último século, enquanto os batistas e independentes fizeram tanto? Será que foi porque seus sistemas eram melhores que o nosso? Não. Talvez, então, nossa igreja não estava adaptada às necessidades das almas perdidas, correto? Não. Acontece que os ministros dessas denominações pregavam a justificação pela fé, enquanto os nossos, por várias vezes, não pregavam doutrina alguma!

Por que tantos ingleses passaram a frequentar igrejas dissidentes? Por que nós, frequentemente, vemos igrejas góticas locais tão vazias de adoradores quanto celeiros em julho, ao passo em que prédios pequenos e ainda em tijolos, mais conhecidos como Casa de Reunião, estão lotados? Será que é porque as pessoas, em geral, não nutrem simpatia alguma por uma adoração formal, pelo Livro de Oração Comum nem pela instituição? De forma alguma! A resposta, pura e simples, é que na grande maioria dos casos as pessoas não gostam de pregações em que a justificação pela fé não é claramente proclamada. Quando os cristãos não escutam pregações como essas na igreja, eles as procuram em outro lugar. Claro que há exceções. Sem dúvida alguma há lugares onde uma longa caminhada de negligência incomodou membros da igreja, de forma que eles nem sequer escutavam sobre a verdade da boca de seus ministros. No entanto acredito que, como regra geral, quando a igreja está vazia e a Casa de Reunião, lotada, a causa para esse acontecimento é notória.

Sendo assim, o apóstolo Paulo fez bem em zelar pela verdade e se opor a Pedro face-a-face. Fez bem também em preferir sacrificar tudo do que por em risco a doutrina da justificação na Igreja de Cristo. Paulo viu o que estava acontecendo com olhos proféticos e por isso nos deixou um exemplo para seguirmos. Seja lá o que toleremos, nunca devemos aceitar qualquer insulto a essa doutrina sagrada, a de que somos justificados pela fé e não por "boas obras".

Estejamos sempre atentos a qualquer ensinamento que ignore a justificação pela fé, seja ele direta ou indiretamente. Qualquer sistema religioso que coloque algo entre o pecador sobrecarregado e Jesus Cristo, o Salvador, que não seja a fé, é perigoso e antibíblico. Qualquer sistema que faça da fé algo complicado, difícil e infantil, é perigoso e venenoso. Qualquer sistema que deprecie a doutrina protestante, a responsável por derrubar o poder do catolicismo romano, carrega consigo uma praga e é um perigo para as almas.

Batismo é um sacramento ordenado pelo próprio Cristo e deve ser realizado com reverência e respeito por todos os cristãos professos. Quando feito corretamente, dignamente e com fé, ele é capaz de ser

um instrumento de bênçãos maravilhosas para a alma. Entretanto, quando pessoas são ensinadas que todos os batizados são nascidos de novo e deveriam ser considerados "filhos de Deus", acredito que suas almas estão em grande perigo. Um ensinamento sobre batismo tal qual foi citado, parece-me arruinar a justificação pela fé. São filhos de Deus apenas aqueles que tem fé em Cristo Jesus. E nem todos os homens a tem.

A ceia do Senhor é um sacramento ordenado por Cristo, com o intuito de edificar e revigorar os verdadeiros cristãos, mas quando pessoas são ensinadas que todos devem ir à ceia do Senhor, tendo eles fé ou não, e que todos os semelhantes recebem o corpo e o sangue de Cristo ao comerem do pão e beberem do vinho, acredito que suas almas correm grande perigo. Um ensinamento como esse, parece-me ignorar a justificação pela fé. Nenhum homem come o corpo de Cristo, nem bebe o Seu sangue, a não ser o homem justificado. E ninguém é justificado até que creia.

Membresia numa igreja local é um grande privilégio, mas quando pessoas são ensinadas que por serem membros da igreja também são, conseqüentemente, membros de Cristo, acredito que suas almas correm risco. Um ensinamento como esse, parece-me arruinar a justificação pela fé. Apenas aqueles que acreditam, unem-se a Cristo. E nem todos os homens acreditam.

Sempre que escutarmos ensinamentos que confundem ou contradizem a justificação pela fé, podemos ter certeza de que há um parafuso solto em algum lugar. Devemos vigiar e estar atentos, posicionando-nos contra tais ensinamentos. Uma vez que o homem abandona a justificação pela fé, ele dirá adeus ao conforto, à paz, à esperança e a todas as outras garantias que se achegam junto com o cristianismo. Um erro desses é decadência na certa.

Concluindo, deixe-me pedir a todos os que leem esse sermão que se armem com vasto conhecimento sobre a Palavra de Deus. Se não buscarmos conhecimento, ficaremos à mercê de qualquer falso profeta. Não devemos olhar os erros de um Pedro pecador. Não estamos aptos a imitar a fidelidade de um Paulo corajoso. Uma congregação ignorante será sempre uma maldição para a igreja. Uma congregação que lê a Bíblia pode salvar a Igreja da ruína. Leiamos a Bíblia regularmente, diariamente, com orações fervorosas, a fim de nos familiarizarmos com seus conteúdos. Não recebamos nada, acreditemos em nada e tampouco sigamos nada, se não estiver na Bíblia e nem puder ser provada através dela. Que a Palavra de Deus seja o que regulamenta nossa fé e nosso critério para todo ensinamento.

(2) Em segundo lugar, peço a todos os que leem esse sermão que estejam sempre prontos a lutar pela fé em Cristo, se assim for necessário.

Não aconselho ninguém a alimentar um espírito controverso. Não quero que homem algum seja como Goliás, indo de um lado para outro dizendo, “*Escolham um homem para lutar comigo*” (I Sm 17:8). Alimentar controvérsias é uma tarefa lastimável. É como alimentar ossos. Nenhuma paz enganosa deveria nos impedir de lutar contra as falsas doutrinas e de buscar promover a verdadeira doutrina em todos os lugares que pudéssemos. Verdadeiro Evangelho no púlpito, nos livros que lemos, nos amigos com quem andamos: que esse seja o nosso objetivo e que nunca nos envergonhemos em deixar transparecer aos homens que é assim que vivemos.

(3) Em terceiro lugar, peço a todos os que leem esse sermão para que cuidem bem de seus próprios corações, nesses tempos tão controversos. Precisamos tomar precauções. No ponto mais violento da batalha, podemos esquecer nosso novo homem. Vitória em argumentos nem sempre significa vitória sobre o mundo ou o diabo. Que a humildade de Pedro ao ser repreendido seja um exemplo para nós, tanto quanto a coragem de Paulo em repreendê-lo. Feliz é o cristão que pode chamar a pessoa que o repreendeu fielmente de “*amado irmão*” (2 Pe 3:15). Lutemos para sermos santos em todas as nossas conversas e igualmente em nosso temperamento. Lutemos para manter uma comunhão ininterrupta com o Pai e o Filho e hábitos diários de oração e leitura bíblica. Desta forma, estaremos preparados para a batalha da vida e teremos a espada do Espírito bem ajustada para quando o dia da tentação vier.

(4) Em quarto lugar, peço a todos os membros da igreja que sabem o que oração realmente é, para que orem diariamente pela igreja onde congregam. Oremos para que o Santo Espírito seja vertido sobre ela e o castiçal não seja levado embora. Oremos pelas igrejas onde o evangelho não é pregado, para que a escuridão parta e a verdadeira luz brilhe sobre elas. Oremos pelos ministros que não sabem, tampouco pregam, a verdade, para que Deus faça cair a máscara de seus corações e mostre um caminho melhor. Nada é impossível. O apóstolo Paulo já perseguiu cristãos, Lutero já foi um monge sem instrução, Bispo Latimer já foi um católico fanático, Thomas Scott já foi um grande opositor da verdade evangélica. Nada, repito, é impossível. O Espírito pode fazer com que ministros preguem o Evangelho que, agora, destroem. Portanto, sejamos perseverantes em nossas orações.

Recomento que prestem muita atenção nesse sermão. Ponderemo-lo bem em nossos corações. Pratiquemo-lo diariamente. Fazendo isso, teremos aprendido a lição de Pedro em Antioquia.

NOTA: Por mais de um século, J. C. Ryle ficou mais conhecido por seus textos claros e vivos, que falavam sobre temas práticos e espirituais. Seu grande objetivo, durante seu ministério, foi encorajar uma vida cristã firme e séria. Entretanto, Ryle não era ingênuo e sabia como esse encorajamento deveria ser feito. Ele reconheceu que, como pastor do rebanho de Deus, tinha a responsabilidade de proteger as ovelhas de Cristo e alertá-las sempre que visse algum perigo se aproximando. Seus intensos comentários são tão sábios e relevantes hoje, quanto foram quando ele os primeiro escreveu. Seus sermões e outros escritos tem sido constantemente reconhecidos e sua utilidade e impacto continuam até hoje, mesmo no inglês obsoleto da época do autor.

Por que, então, exposições já tão bem sucedidas e memoráveis, provadas úteis, precisam de adaptação, revisão e reedição? A resposta é clara. Para aumentar sua utilidade para leitores atuais. A linguagem com a qual foi originalmente escrita, precisa de atualização.

Por mais que seus sermões, da forma com que foram escritos pelo autor no século XIX, tenham servido para outras gerações, eles podem se perder nas gerações presente e futura, simplesmente porque, para eles, a linguagem não é facilmente e nem completamente entendível.

Meu intuito, entretanto, não é reduzir o escrito original ao vernáculo dos nossos dias. Ele surgiu primeiramente para você, que deseja ler e estudar de modo confortável e fácil, na linguagem do seu tempo. Obviamente, apenas terminologias arcaicas e passagens obscurecidas por expressões que não nos são familiar foram revisadas. Contudo, nem a intenção de Ryle, tampouco seu propósito foram adulterados.

Tony Capoccia

Esse manuscrito atualizado e revisitado é de direitos autorais de © 1998 por Tony Capoccia.

Todos os direitos reservados.

Website: www.biblebb.com

ORE PARA QUE O ESPIRITIO SANTO USE ESSE SERMÃO PARA EDIFICAÇÃO DE MUITOS E SALVAÇÃO DE PECADORES.

FONTE

Traduzido de <http://www.biblebb.com/files/ryle/WARN6.TXT>

A Fonte do manuscrito atualizado e revisitado é de direitos autorais de © 1998 por Tony Capoccia.

Todos os direitos reservados.

Website: www.biblebb.com

Todo direito de tradução em português protegido por lei internacional de domínio público

Tradução: Sara de Cerqueira

Revisão: Armando Marcos Pinto

Capa: Victor Silva

Projeto Ryle – Anunciando a verdade Evangélica.
<http://bisporyle.blogspot.com/>

Você tem permissão de livre uso desse material, e é incentivado a distribuí-lo, desde que sem alteração do conteúdo, em parte ou em todo, em qualquer formato: em blogs e sites, ou distribuidores, pede-se somente que cite o site “Projeto Ryle” como fonte, bem como o link do site <http://bisporyle.blogspot.com/> Caso você tenha encontrado esse arquivo em sites de downloads de livros, não se preocupe se é legal ou ilegal, nosso material é para livre uso para divulgação de Cristo e do Evangelho, por qualquer meio adquirido, exceto por venda. É vedada a venda desse material.

John Charles Ryle



John Charles Ryle (10 de maio de 1816 - 10 de junho de 1900) foi o primeiro Bispo de Liverpool da Igreja da Inglaterra. Ryle nasceu em Macclesfield, e foi educado em Eton e em Christ Church, Oxford.

Ele foi um atleta refinado que remava e jogava Cricket pela Oxford, onde ele alcançou um nível de primeira classe em História e Filosofia Greco-Romana tanto antiga quanto moderna e a ele foi oferecido uma comunhão universitária (posição de ensino) que ele declinou. Filho de um rico banqueiro, ele foi destinado para a carreira em política antes de responder ao chamado para o ministério ordenado.

Ele foi espiritualmente despertado em 1838 enquanto ouvia a leitura de Efésios 2 na igreja. Ele foi ordenado pelo Bispo Sumner em Winchester em 1842. Depois de sustentar um pastorado em Exbury, Hampshire, ele tornou-se Reitor (Pastor Presidente) da Igreja de São Thomas, Winchester (1843), Reitor da Igreja de Helmingham, Suffolk (1844), Vigário da Igreja de Stradbroke (1861), Cânon Honorário da Igreja de Norwich (1872), e Deão da Igreja de Salisbury (1880). Contudo, antes de ocupar o último ofício, ele foi avançado para a nova sé de Liverpool, onde ele permaneceu até sua resignação, que tomou lugar três meses antes de sua morte em Lowestoft.

Sua nomeação para Liverpool foi recomendação do Primeiro-Ministro, que estava deixando a Chefia de Governo, Benjamin Disraeli. Foi em 1880, com 64 anos de idade, ele tornou-se o primeiro bispo de Liverpool. Em sua diocese, ele exerceu um ministério de pregação vigoroso e franco, e foi um fiel pastor em seu clericalato, exercendo cuidado particular sobre retiradas de ordenação. Ele formou um fundo de pensão para o clericalato de sua diocese e construiu mais de quarenta igrejas. A despeito da crítica, ele aumentou as cômputas do clericalato antes de construir uma catedral para sua nova diocese.

Ryle combinou sua presença comandante e defesa vigorosa de seus princípios com graciosidade e calor em suas relações pessoais. Muitos trabalhadores e trabalhadoras compareceram às suas reuniões de pregações especiais, e muitos tornaram-se Cristãos. Ryle foi um forte sustentador da Escola evangélica e um crítico do Ritualismo. Ele tornou-se um líder da Ala Evangélica na Igreja da Inglaterra e foi notório por seus ensaios doutrinários e seus escritos polêmicos.